ARTIGOS

Os naturalistas e o Ceará: X – Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho (1880 – 1967)

Melquíades Pinto Paiva (*)

Três dos maiores expoentes da intelectualidade cearense, até o final do século XX, foram membros da família Pompeu, a saber:

- Thomaz Pompeo de Sousa Brasil (1818 – 1877), padre, bacharel em Direito, professor, deputado provincial e geral, tendo sido senador do Império, já incluído nesta série de estudos sobre os naturalistas e o Ceará (PAIVA, 1998);

- Thomaz Pompeo de Sousa Brasil (1852 – 1929), filho homônimo do primeiro, bacharel em Direito, professor, deputado geral e vice-presidente da província do Ceará;

- Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho (1880 – 1967) – mais conhecido como Thomaz Pompeu Sobrinho, neto do primeiro, engenheiro e professor, objeto do presente estudo.

Apesar da proeminência de Thomaz Pompeu Sobrinho, pouco sabemos a respeito da sua vida, embora existam muitas notas biográficas com informações sucintas e repetitivas, destacando aspectos gerais. A melhor fonte biográfica disponível encontra-se em reportagem do jornalista Nertan MACEDO (1965), com dados por ele próprio fornecidos, incluindo cargos ocupados e a relação dos seus trabalhos publicados.

Tal fato decorre de várias causas, entre as quais destacamos as seguintes:

- resguardo da vida privada, impossibilitando maiores registros testemunhais da rotina dos seus dias;

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

- ausência de memória escrita por qualquer dos seus familiares ou discípulos, aliada ao descaminho ou mesmo perda dos arquivos particulares;

- modéstia com que exerceu tantos cargos na administração pública, não propalando os bons resultados por ele alcançados;

- carência de um simples *curriculum vitae,* depositado em qualquer das instituições onde trabalhou ou prestou serviços de natureza cultural;

- falta ou destruição de arquivos funcionais, com a honrosa exceção para o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

Os pais de Thomaz Pompeu Sobrinho foram Antônio Pompeu de Sousa Brasil e Ambrosina Alves Pequeno (Ambrosina Pompeu de Sousa Brasil), ele filho do senador Thomaz Pompeo de Sousa Brasil e Felismina Carolina Filgueira; ela, filha do coronel Antônio Luís Alves Pequeno e Maria Pinto Nogueira. O pai era médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1873). Ele nasceu em 16 de novembro de 1880 e faleceu em 9 de novembro de 1967, ambos os eventos ocorridos na cidade de Fortaleza. Casou-se com Maria Alice Pinheiro (Maria Alice Pompeu de Souza Brasil), de cuja união nasceu o único filho – José Pompeu de Souza Brasil (1908 - 1986).

Após concluir os exames preparatórios no Liceu do Ceará, Thomaz Pompeu Sobrinho ingressou na Escola de Minas de Ouro Preto, saindo engenheiro civil em 1903. Já como estudante, trabalhou numa mina de ouro, na povoação de Antônio Pereira, a duas léguas de Ouro Preto; depois, foi reconstruir uma velha fábrica de ferro, perto da povoação de Bento Pereira, onde eram forjadas ferraduras para animais.

De regresso ao Ceará, iniciou longa carreira no serviço público, tendo sido nomeado ajudante da Comissão do Açude de Quixadá, em 15 de julho de 1903, com posse no dia 13 de agosto daquele ano, indo depois para a Comissão de Açudes e Irrigação, onde permaneceu até 21 de dezembro de 1909.

Com a criação da Inspectoria de Obras Contra as Sêccas (decreto nº 7.619, de 21 de outubro de 1909), Thomaz Pompeu Sobrinho ocupou os seguintes cargos e funções:

- engenheiro de 1ª classe, nomeado em 30 de novembro de 1909, com posse em 22 de dezembro do mesmo ano;

- chefe de secção, nomeado em 24 de agosto de 1911, com posse e exercício em 05 de setembro do mesmo ano;

- chefe do 1º Distrito, nomeado em 16 de fevereiro de 1915, com posse e exercício na mesma data, onde permaneceu até 2 de maio de 1917;

- inspetor técnico, nomeado em 7 de fevereiro de 1917, com posse na mesma data.

Já na então denominada Inspectoria Federal de Obras Contra as Sêccas, foi nomeado chefe do 1º Distrito em 17 de setembro de 1923, com posse e exercício em 19 do mesmo mês e ano; foi exonerado, a pedido, em 25 de julho de 1927, passando o exercício do cargo ao engenheiro José Ayres de Sousa, em 8 de setembro do mesmo ano; então, ficou como inspetor técnico, adido. Em 9 de dezembro de 1936 foi removido da Administração Central para a Comissão de Serviços Complementares, aposentando-se em 10 de dezembro de 1938, por invalidez para o serviço público, em decorrência de insuficiência renal incurável.

As atividades docentes de Thomaz Pompeu Sobrinho se iniciaram em 24 de maio de 1913, com a fundação da Escola Popular de Agricultura, depois Escola Prática de Agricultura de Quixadá, iniciativa particular, mantida pelo Sindicato Agrícola de Quixadá (fundado em 08 de setembro de 1914), sendo ele o seu primeiro presidente, integrando ainda o corpo dos professores da mencionada escola.

Thomaz Pompeu Sobrinho participou do movimento para a fundação da Escola de Agronomia do Ceará (1918). Em 31 de julho de 1921, aparece como professor, na ata de colação de grau da primeira turma de engenheiros agrônomos do Ceará – portanto, foi um dos fundadores daquela instituição de ensino superior.

"... E a vasta experiência da engenharia rural de Thomaz Pompeu Sobrinho, um dos maiores conhecedores da geografia do Ceará e de seus problemas de açudagem e outras formas de luta contra as secas, nos foi transmitida com aquela serena confiança que ele tinha de si mesmo." (Newton Beleza – *A Evolução Científi-*

fica e o Ensino da Agronomia. Aula inaugural proferida no dia 08 de março de 1957, na Escola de Agronomia da Universidade do Ceará. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza – in ANDRADE, 1979: 79).

A 8ª cadeira da Escola de Agronomia do Ceará – Topografia e Hidráulica Agrícola teve como fundador Henrique Eduardo Couto Fernandes, sendo Thomaz Pompeu Sobrinho o seu substituto, que efetivamente ministrava as aulas. Em 1º. de agosto de 1922 ele estava como catedrático da 5ª cadeira – Mineralogia e Geologia Agrícolas, depois considerada como a 6ª cadeira (1923 – 1925); entre 1926 – 1937 era catedrático da 15ª cadeira – Topografia, Estradas de Rodagem, Caminhos Vicinais e Hidráulica Agrícola.

Foi o nono diretor da Escola de Agronomia do Ceará (maio / junho de 1935 – apenas um mês), quando ela foi incorporada ao domínio do Estado do Ceará (decreto nº 1.550, de 7 de maio de 1935, do interventor Felipe Moreira Lima), quando passou para o quadro permanente do Estado, por nomeação. Deve ter se aposentado em 1938.

"Se a motivação naturalista vivida nos primeiros tempos da Escola de Agronomia partiu do Professor DIAS DA ROCHA, uma outra contribuição a seu patrimônio cultural foi legada pelo Professor THOMAZ POMPEU SOBRINHO, catedrático de Engenharia Rural, Hidráulica e Construções Rurais desde a sua fundação." (ANDRADE, 1979: 123).

O Instituto Polytechnico do Ceará foi fundado em 3 de agosto de 1924, em Fortaleza, com o objetivo de difundir o ensino técnico. A Escola Polytechnica do Ceará começou a funcionar naquele ano, e seu primeiro diretor foi o engenheiro Thomaz Pompeu Sobrinho, oferecendo os cursos de Engenharia Civil, Agrimensura e outros avulsos. Teve pouca duração.

O Serviço de Antropologia da Universidade do Ceará (depois Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará), foi criado em princípios de 1957, sendo dirigido por Thomaz Pompeu Sobrinho, assim permanecendo até pouco antes de sua morte, quando passou a direção ao professor Luís Fernando Raposo Fontenele (14/10/1965).

"O Serviço de Antropologia, dirigido pelo eminente mestre Thomaz Pompeu Sobrinho, que, aliás, nunca recebeu a menor remuneração por parte da Universidade, foi elevado à categoria de Instituto. Pompeu Sobrinho ficou muito contente com a minha iniciativa de adquirir, por compra, o acervo bibliográfico de Arthur Ramos." (MARTINS FILHO, 1994: 158).

Durante o período em que o desembargador Faustino de Albuquerque e Souza esteve como governador do Ceará (março / 1947 – janeiro / 1951), Thomaz Pompeu Sobrinho foi o titular da Secretaria da Agricultura e Obras Públicas. Para os sucessivos anos de sua administração, elaborou relatórios das atividades desenvolvidas (POMPEU SOBRINHO, 1952 *a, b, c, d*). No último deles, divulgou sucintamente os fundamentos do planejamento adotado no período.

"I – Levar aos agricultores no seu próprio meio, na sua fazenda ou sítio, na gleba onde trabalha, a assistência técnica, mecânica, financeira e política e os meios e ensinamentos de que tanto precisam no exercício de suas atividades profissionais.

II – Inculcar, nestes humildes e desamparados criadores da riqueza pública, hábitos de caráter profissional e de ordem política que lhes habilitem ao exercício mais regular e proveitoso do seu labor diuturno, vencendo com mais facilidade os percalços do seu desajustamento à terra e à sociedade a que pertencem.

III – Cooperação inteligente e oportuna de todas as dependências da Pasta em proveito das suas finalidades precípuas, ou sejam o aumento e a melhoria da produção rural, sem prejuízo das atividades específicas de cada uma." (POMPEU SOBRINHO, 1952 *d*: 55 – 56).

As atividades agropecuárias de Thomaz Pompeu Sobrinho tiveram a melhor expressão na fazenda Ibaque, de que era proprietário, no município de Quixadá. Foi o introdutor do cultivo do algodão mocó no espaço cearense. Em 1913, trouxe reprodutores da raça schwitz e em suas terras devem ter sido realizadas as primeiras experiências de agricultura mecanizada no Ceará. Lá ele observou as condições do sertão semi-árido e as relacionou com práticas agrícolas e pecuárias, retirando ensinamentos para a

melhoria das atividades da agropecuária cearense, contidos em seus estudos.

Thomaz Pompeu Sobrinho foi sócio efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), com posse em 27 de setembro de 1928. Em decorrência da morte de Guilherme Studart (Barão de Studart), ocorrida em 25 de setembro de 1938, assumiu a direção da instituição, tornando-se seu Presidente Perpétuo. Ingressou na Academia Cearense de Letras na reforma de 1922, onde foi o presidente de 1937 a 1951, passando em seguida a Presidente de Honra (1952), assim permanecendo até a sua morte. Também, foi o Presidente de Honra do Instituto do Nordeste (1949 – 1952).

A bibliografia de Thomaz Pompeu Sobrinho é muita vasta, tratando de áreas diversas do conhecimento, afirmando-se como engenheiro, geógrafo, cartógrafo, sociólogo, antropólogo, lingüista, historiador e arqueólogo. Ela está dispersa em livros de pequenas edições e de restrita circulação, em revistas locais de pouca distribuição e em jornais editados em Fortaleza e mesmo no Rio de Janeiro. Por estas razões, tal bibliografia é de difícil acesso, com muitos dos seus títulos escondidos sob a poeira de poucas bibliotecas ou mesmo definitivamente perdidos.

Devemos aqui mencionar as contribuições para o levantamento da bibliografia de Thomaz Pompeu Sobrinho:

QUELLE (1933) – parte integrante de comunicação feita pelo Dr. Otto Quelle, da Universidade de Bonn (Alemanha), publicada no fascículo 1, ano III do *Ibero – Amerikanisches Archiv* (março / 1929), a respeito da bibliografia sobre as secas do nordeste do Brasil – o adendo com títulos coligidos por Thomaz Pompeu Sobrinho compreende muitos trabalhos de sua autoria, publicados entre os anos de 1912 – 1929;

SOUSA (1937) – com a relação dos trabalhos publicados entre os anos de 1912 – 1936;

MENEZES [(1959) 1985] – lista grande parte da bibliografia publicada entre 1902 – 1954, cuidando tão-somente do problema das secas nordestinas – os trabalhos anteriores a 1912 não são da autoria de Thomaz Pompeu Sobrinho;

MACEDO (1965) – com a relação dos trabalhos publicados entre os anos de 1912 – 1961, fornecida pelo próprio autor;

ANDRADE (1971) e SOUZA (1980), compreendendo toda a obra publicada pelo autor, abrangendo livros e folhetos / capítulos, prefácios, introduções / artigos em periódicos / mapas.

Infelizmente, em todos os citados levantamentos bibliográficos, existem erros e muitas omissões, pela não menção de volumes/números de periódicos, locais de publicação e datas das edições de jornais. Isto torna impossível a busca de muitos títulos, supondo-se que eles não estejam definitivamente perdidos.

Sem qualquer dúvida, os principais títulos da bibliografia de Thomaz Pompeu Sobrinho são os abaixo indicados.

– POMPEU SOBRINHO, Th. – (1916) 1962 – *Esbôço Fisiográfico do Ceará*. Imprensa Universitária do Ceará, 3. ed., 221 pp., [XXVI] ests., com seis tabelas em páginas não numeradas, Fortaleza.

– POMPEU SOBRINHO, Th. – (1916) 1920 – *O problema das seccas no Ceará*. Eugenio Gadelha & Filho, 2. ed., 93 pp., Fortaleza.

– POMPEU SOBRINHO, Th. – 1917 – *A industria pastoril no Ceará*. Typo–Lithographia Gadelha, [IV] + 229 pp., Fortaleza.

– POMPEU SOBRINHO, Th. – 1937 – O homem do Nordeste. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *51*: 321 – 388.

– POMPEU SOBRINHO, Th. – (1946) 1980 – *Protohistória Cearense*. Edições UFC, 2a. ed., 314 pp., [1] est., Fortaleza.

– POMPEU SOBRINHO, Th. – 1953 – *História do Ceará: História das Sêcas (Século XX)*. Coleção Instituto do Ceará, 542 pp., Fortaleza.

– POMPEU SOBRINHO, Th. – 1955 – *Pré-História Cearense*. Editora "Instituto do Ceará", Limitada, XI + 5 – 153 pp., Fortaleza.

– POMPEU SOBRINHO, Th. – 1961 – *Manual de Antropologia*. Imprensa Universitária do Ceará; 1º volume (1º tomo) – *Antropologia Física*, [6] + 1 – 314 + [13] pp., ests. I – LXXX; 2º volume (1º tomo) – *Antropologia Física*, [6] + 315 – 624 pp., ests. LXXXI – CXXVI; Fortaleza.

– POMPEU SOBRINHO, Th. – 1979 – *Sesmarias Cearenses.* Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará, 229 pp., Fortaleza.

As melhores análises da obra de Thomaz Pompeu Sobrinho são da autoria de Francisco Alves de ANDRADE (1971, 1980).

"Enciclopédica é toda a sua obra, em que vislumbramos, não apenas erudição, mas, capacidade criadora, esfôrço de conquista nos diferentes domínios da cultura, apresentação e interpretação científica." (ANDRADE, 1957: 182).

Por ocasião dos festejos pelo transcurso do 85º aniversário de Thomaz Pompeu Sobrinho (1965), ele foi agraciado com a Medalha da Abolição, do Estado do Ceará, e com a Medalha do Mérito Cultural, da Universidade do Ceará.

Escritos naturalistas

Agora vamos destacar e comentar apenas os escritos naturalistas, encontrados na obra de Thomaz Pompeu Sobrinho, referentes ao Ceará. Eles se abrigam em cinco grandes vertentes, cuidando dos seguintes temas: açudagem, fisiografia, agropecuária, secas e antropologia. Serão considerados apenas os textos disponíveis, com a exclusão de artigos de menor expressão, publicados em jornais. É uma seleção bem representativa da obra naturalista do autor.

Na vertente da açudagem vamos nos deparar com o engenheiro da Inspectoria (Federal) de Obras Contra as Sêccas, onde primeiro se manifestou a competência profissional e o brilho intelectual de Thomaz Pompeu Sobrinho.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. (= BRASIL SOBRINHO, Th. P. S.) – 1912 – Açude "Quixeramobim". Memoria Justificativa apresentada ao Ex.^{mo} Sr. Inspector das Obras Contra as Sêccas. *Rev. Trim. Inst. Ceará,* Fortaleza, *XXVI* (1 / 2 / 3 / 4): 215 – 279.

Esta memória foi concluída em julho de 1912, na cidade de Fortaleza, estando assinada por Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho.

Em longa introdução, o autor faz a apologia da *irrigação sistemática*, como solução para o desenvolvimento econômico e social das áreas com carência de água para a explotação agrícola.

Passando a cuidar do projeto do açude, com o fechamento do boqueirão situado a 2 km acima da cidade de Quixeramobim, descreve aspectos físicos da bacia do alto Quixeramobim, a montante do indicado boqueirão, compreendendo suas dimensões, serranias e origens dos cursos d'água, a natureza do terreno e a rede coletora, com detalhes sobre os principais rios tributários.

Informa que a vegetação da bacia do alto Quixeramobim apresenta três aspectos distintos, correspondendo ao sertão propriamente dito, às serras frescas e aos terrenos marginais dos grandes rios – o sertão ocupa cerca de 2/3 da bacia. A caatinga é a feição particular da flora dos tabuleiros rasos, ondeados e secos, longe dos rios e das serras frescas.

As observações meteorológicas em Quixeramobim foram iniciadas em 1896: o projeto se baseou em 17 anos de registros regulares. A média anual das chuvas alcançou 600 mm, sendo que 83,3 % da pluviosidade correspondeu aos meses do inverno (fevereiro – maio) – ele considerou como anos chuvosos aqueles onde o total das chuvas ultrapassou 500 mm, nos quatro meses da estação invernosa.

No que respeita ao rio Quixeramobim, a descarga superficial foi estimada em 10^9 m^3/ano, com o coeficiente de descarga =24%. Em julho / agosto o rio seca, porém, quando o inverno é mais prolongado, continua correndo até setembro.

Adotando-se os dados do projeto, o açude Quixeramobim cobrirá 4.608 ha, acumulando 517 x 10^6 m^3 d'água.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1912 – Açudes no Ceará: "Riacho do Sangue". Memoria Justificativa. In: *Açudes no Ceará*, pp. 24 – 35, [III] ests. Inspectoria de Obras Contra as Seccas, publicação nº 19 – série II, H – Memorias de Açudagem, 62 pp., ilus., Rio de Janeiro.

Contém a memória justificativa e o projeto de engenharia do açude público Riacho do Sangue, a ser implantado no município de Riacho do Sangue (atual Solonópole).

A barragem será construída no próprio riacho do Sangue, formando açude que cobrirá 918,57 ha, com capacidade de acumular 61.424.100 m^3 d'água. O açude poderá irrigar 1.000 ha de terrenos a jusante, mesmo com a ocorrência de dois anos consecutivos de seca. A bacia hidrográfica corresponderá a 2.787 km^2, em zona criadora, por excelência, onde dominam as pastagens.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1912 – Açudes no Ceará: "Poço dos Paus". Memoria Justificativa. In: *Açudes no Ceará*, pp. 36 – 62, [XVI] ests. Inspectoria de Obras Contra as Seccas, publicação nº 19 – série II, H – Memorias de Açudagem, 62 pp., ilus., Rio de Janeiro.

Apresenta a memória justificativa e o projeto de engenharia do açude público Poço dos Paus, a ser implantado no município de São Mateus (atual Jucás), barrando o rio Bastiões, com bacia hidráulica de 4.513 ha, podendo acumular 619.563.125 m^3 d'água.

A bacia hidrográfica vai corresponder a 693.000 ha, e os dois principais contribuintes do açude serão os rios Bastiões e Cariús, ambos com origem nas encostas setentrionais da serra do Araripe. Esta bacia é bastante acidentada, com vertentes fortemente inclinadas, cuja vegetação varia de acordo com as condições locais, sendo úmida ou fresca ao sul e leste, e seca ao oeste e norte.

A capacidade irrigatória do açude corresponderá a 15.000 ha, mesmo com a ocorrência de dois anos consecutivos de seca.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1924 – O Rio Jaguaribe e o Aproveitamento agricola do valle. *Revista do Instituto Polytechnico do Ceará*, Fortaleza, *I* (1): 7 páginas não numeradas, [2] figs.

Faz uma breve descrição do vale do rio Jaguaribe, nos seus diferentes aspectos naturais. Ele ocupa quase a metade do espaço cearense (cerca de 72.000 km^2) e drena a metade das águas nele precipitadas.

Apresenta um mapa das terras irrigáveis do vale jaguaribano, onde se destacam as planícies do baixo curso, as várzeas do Icó e do Iguatu. Existem 130.000 ha de ótimas terras agrícolas, disponíveis para as lavouras irrigadas, impondo-se a construção de grandes açudes, capazes de suportar dois anos sucessivos de secas.

No planejamento da Inspectoria Federal de Obras Contra as Sêccas, estavam previstos açudes a serem implantados no vale do Jaguaribe, com as respectivas capacidades de irrigação: Orós (85.000 ha), Poço dos Paus (10.000 ha) e Quixeramobim (20.000 – 25.000 ha) – para irrigação das planícies do Iguatu, Icó e baixo Jaguaribe; também o Pedras Brancas (10.000 ha), para irrigar as várzeas do baixo Banabuiú.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1926 – *A Construcção do Açude Orós. Sua significação economica e humanitaria (no Ceará)*. Typographia Gadelha, 19 pp., Fortaleza.

O autor discute a importância econômica e social da construção do açude de Orós, comparando possíveis custos e benefícios no Ceará, resultantes da sua utilização direta ou indireta, sob as formas de taxas, lavoura irrigada e desenvolvimento do vale do Jaguaribe, com a fixação de gente nas áreas de vazantes e nos perímetros de irrigação, capazes de suportar maior carga demográfica na emergência de secas.

Destaca as grandes áreas passíveis de serem irrigadas no vale do Jaguaribe, tais como as várzeas do Icó, com aproximadamente 12.000 ha, as várzeas do baixo Jaguaribe, perfazendo uma área úmida que alcança 96.000 ha, e pequenas áreas ao longo do curso do rio, a jusante da barragem de Orós; também, as planícies do Iguatu, a sua montante, a serem irrigadas com a construção do açude Poço dos Paus, com cerca de 10.000 ha; no total destas áreas, teremos 130.000 ha atingidos pela irrigação.

Este total poderá ser atendido com a construção de um sistema articulado de açudes, a saber: açude Orós – 85.000 ha, primordialmente para irrigar as várzeas do Icó; açude Quixeramobim, para complementar o total de água necessária à irrigação

do baixo Jaguaribe – 20.000/25.000 ha; açude Poço dos Paus, para irrigar as planícies do Iguatu – 10.000 ha; também, o açude Pedras Brancas, com capacidade para irrigação de 10.000/12.000 ha nas várzeas do baixo Banabuiú.

Sobre as vazantes do açude Orós, informa que nos anos normais poderão ser ocupadas por 32.000 habitantes, sendo capazes de abrigar até 120.000 nos anos das secas.

Dados sobre o açude Orós: bacia hidrográfica = 21.000 km^2, bacia hidráulica = 387 km^2, capacidade = 3.309 x 10^6 m^3 d'água.

Diz que a construção do açude Orós, com seus canais de irrigação, seguramente vai irrigar 2/3 do vale do Jaguaribe, contribuindo com 60% da solução do problema das secas do Ceará.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1927 – A capacidade irrigatória do açude "Orós". *Rev. Trim. Inst. Ceará*, Fortaleza, *XLI* (1 / 2 / 3 / 4): 159 - 166.

Reafirma que o açude Orós poderá irrigar, continuamente e pelos métodos ordinários, o montante de 85.000 ha, mesmo com a ocorrência de dois anos sucessivos de secas.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1929 – O açude "Orós". *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, *II* (475) (4º supplemento): 1 - 2, [1] fig. – edição de 1º. de janeiro de 1929. Entrevista com Thomaz Pompeu Sobrinho.

Levanta as dificuldades encontradas para a elaboração do projeto do açude Orós, por causa das condições das rochas sobre as quais devem ficar as fundações da barragem. Faz um breve relato dos antecedentes históricos ligados às tentativas de preparar o projeto de engenharia do açude.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. - 1951 - O açude Orós: Histórico - Estudos - Projetos - Tentativas de construção - Situação atual - A melhor solução. *Bol. Sec. Agric. Obr. Públ. Ceará*, Fortaleza, (2): 70 - 76.

Discute os antecedentes da construção do açude Orós, desde que ele despertou a atenção dos técnicos da Inspectoria de Obras Contra as Sêccas, a partir de conversa no Palácio do Governo do Ceará, quando o coronel José Pinto Coelho de Albuquerque, gente do Icó, falava dos famosos bagres encontrados no poço do Orós. Então, se iniciaram as providências para a condução de projetos, bem como as tentativas de construção da barragem.

"Faz já alguns anos que lembramos a conveniência de ser estudada e projetada no boqueirão de *Orós* uma barragem de *rock fill* com cortina de cimento armado, profundamente cravada nas rochas chistosas das hombreiras e do leito do rio. Taludes de 6:1 a jusante 3:1 a montante dariam, com o material ali disponível, todas as garantias de estabilidade a uma barragem com 75 ou 80 metros de altura máxima A sugestão não despertou interesse entre os técnicos da Inspetoria de Secas, mas sem dúvida merece ser considerada. Uma tal barragem custaria aproximadamente 25% do que qualquer daquelas dos projetos existentes e ofereceria muito maiores garantias de estabilidade." (p. 76).

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1953 – Impraticavel e inconveniente a construção do açude "Orós". *Unitário*, ed. 28/06/53 : 8 e 4 (continuação), Fortaleza.

Diz que a construção do açude Orós, pelos dois projetos existentes, é impraticável e inconveniente, o que levaria ao seu arrombamento.

Critica o projeto de alvenaria em arcos múltiplos, por ser muito caro, com barragem situada cerca de 400 m abaixo do boqueirão, tendo quase 1 km de desenvolvimento na crista; o outro projeto, com barragem de concreto armado, no mesmo local, é também muito dispendioso, não se podendo contar com uma impermeabilidade absoluta do concreto.

Recomenda a construção da barragem em *rock-fill*, por causa da existência abundante de material no local. Consiste numa cortina de material impermeável através do vale, cravada nas ombreiras e no leito do rio, com pedra britada a jusante e a montante, resultando em taludes muito suaves.

Na vertente dos estudos fisiográficos encontram-se, em sua plenitude, os textos naturalistas de Thomaz Pompeu Sobrinho, refletindo a vasta cultura que possuía e as observações/experiências vividas durante tantas viagens de trabalho, percorrendo terras do Ceará. Em 1935 publicou um mapa do estado do Ceará.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. - (1916) 1962 - *Esbôço Fisiográfico do Ceará.* Imprensa Universitária do Ceará, 3. ed., 221 pp., [XXVI] ests., com seis das tabelas em páginas não numeradas.

Este trabalho, em sua versão primeira, foi apresentado no V Congresso Brasileiro de Geografia, na cidade de Salvador (BA), no ano de 1916. Sem dúvida, é o melhor e mais completo dos textos naturalistas do autor, cobrindo as diferentes áreas das ciências naturais e todo o espaço cearense. Como obra de conjunto e síntese, ainda não foi ultrapassada pela literatura subseqüente, conservando-se como fonte e guia para os que estudam, com seriedade, a natureza do Ceará.

Após situar o Ceará no espaço da América do Sul, indicar a sua área e limites geográficos, informa a respeito deste precioso livro:

"Na exposição do meio dinâmico cearense observamos a ordem seguinte: o meio aéreo (clima); o elemento líquido (as águas), compreendendo as águas marinhas e as águas continentais ou interiores; o elemento sólido (estrutura geológica, as rochas, minerais e solos, o aspecto fisionômico geral, a configuração horizontal e vertical, etc.) e, finalmente, o meio biológico (a vida em terras do Ceará)." (p. 8).

Divide a superfície do espaço cearense em três zonas: litorânea, abrangendo uma faixa aproximada, de 100 km de largura; a segunda, concêntrica com a precedente, constituindo uma faixa de aproximadamente 150 km de largura; finalmente, a zona sul, distante do mar mais de 250 km, fora da ação das brisas marinhas.

Os aspectos estudados na parte referente ao clima, foram os seguintes: temperatura, distribuição do calor, regime térmico, temperatura do ar ao sol, temperatura do solo, movimentos da

atmosfera, pressão atmosférica, distribuição da pressão e suas variações anuais e diurnas, vento, água na atmosfera, umidade absoluta, umidade relativa, evaporação, condensação, nebulosidade e insolação, precipitações, variação anual da chuva, orvalho e tipos de tempo.

Diz que o Ceará tem clima quente, com período seco; que no litoral o clima se caracteriza por uma variação térmica anual muito baixa, uma soma anual de chuva elevada e um regime com período seco pouco sensível; no interior (sertão), a subvariedade continental está bem definida, sobretudo além da serra de Baturité.

No litoral do Ceará, a influência da terra se limita a uma estreita faixa marinha e fala da alta salinidade das águas costeiras, o que explica a existência das salinas. Na linha da costa há grande uniformidade, nenhuma reentrância ou projeção importantes.

Os riachos e rios dependem das águas das chuvas; pouco devem às fontes e às águas de infiltração. Trata das fontes do sertão, das chapadas (Cariri, Ibiapaba e Apodi) e do litoral. Descreve as bacias do Jaguaribe e suas sub-bacias (Salgado, Banabuiú e outras), do Pirangi, do Choró, do Pacoti e do Ceará, todas na vertente sudeste, inteiramente contidas dentro do território cearense; trata das bacias do Curu, do Mundaú, do Aracatiaçu, do Acaraú, do Coreaú e do Timonha, também totalmente incluídas no espaço do Ceará; a vertente oeste compreende apenas a bacia do Poti.

A vertente do sudeste tem 92.792 km^2, ocupando toda a parte oriental do Ceará, entre o Cordão Central de serranias arqueanas e as chapadas do Araripe e Apodi; a vertente do norte forma a porção mais importante da drenagem costeira, cobrindo 38.970 km^2, situando-se na zona norte, desde as quebradas da serra da Ibiapaba até as serranias arqueanas do Cordão Central; na vertente do oeste correm as águas drenadas do planalto da serra Grande (Ibiapaba) e do sertão de Cratéus, que vão ter no rio Parnaíba, abrangendo 16.513 km^2 do Ceará.

"O Ceará recebe, pois, anualmente, cêrca de 144.000 milhões de metros cúbicos d'água, dos quais voltam ao mar, pelos rios e riachos, apenas 23.040 milhões de metros cúbicos; o resto perde-se por evaporação; volta ao seio da atmosfera" (p. 84).

Diz que três divisões se distinguem no relevo do Ceará: as terras baixas da costa ou região costeira; o planalto interior, compreendendo os serrotes pedregosos esparsamente nele distribuídos; as terras altas ou serras e chapadas.

As principais elevações, encontradas em terras do Ceará, são as seguintes:

Cordão Central – divisor das duas grandes vertentes (sudeste e norte), vem desde os Inhamuns até a costa, no rumo de sul a norte;

Serra Grande – estende-se de perto da costa até as proximidades de Campos Sales, com 450 km de extensão, área de cerca de 10.000 km^2 e altitude de 800 – 1.100 m, mais elevada no centro norte;

Cordão Oriental – constituído pela chapada do Araripe, pelo maciço do Pereiro e pela chapada do Apodi.

A chapada do Araripe tem cerca de 180 km de extensão, largura média de 30 km e chega à altura de 1.050 m sobre o nível do mar; o maciço do Pereiro é formado pela serra do Camará (ao sul) e pela serra do Padre, que termina perto de Umari; a chapada do Apodi é baixa e escarpada, se alongando entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, até perto da costa.

As formações geológicas do Ceará podem ser classificadas em seis séries, a saber: complexo fundamental – constituído por gnaisse e outros xistos cristalinos; a série do Ceará – formada de antigos xistos argilosos com quartzitos, arenitos e calcáreos; a série da serra Grande – principalmente composta de arenitos calcáreos, com falsa estratificação; a série cretácea – de arenitos, folhelhos e calcáreos ricos em fósseis; depósitos costeiros de areias, argilas, arenitos e calcáreos; terrenos ou depósitos pleistocênicos e aluviões modernos.

No Ceará, o solo argiloso domina no sertão; o solo arenoso está na zona costeira ou praiana e nas chapadas sedimentares dos limites ocidentais e meridionais; o solo calcáreo é encontrado na chapada do Apodi.

A flora cearense reflete uma longa adaptação à seca: redução dos órgãos vegetativos, caule e folhas; pequeno porte das

plantas da caatinga; órgãos reprodutivos vigorosos; as flores sertanejas são brilhantes e odoríferas; contraste nas épocas de chuvas e nas de secas; diminuição das espécies permanentes.

O autor trata dos aspectos gerais da vegetação cearense, destacando a influência dos solos, os períodos anuais de chuvas e estio, as plantas permanentes e as periódicas. Temos a flora do interior, a flora das serras arqueanas e a flora do litoral e chapadas. A flora higrófila, variada e rica, é efêmera e de caráter mais herbáceo; a flora permanente, pobre, é xerófila, ou melhor, tropófita. Outras formações encontradas no Ceará: associação da costa marinha, a psamófila, a higrófila e a francamente driática das serras.

A vegetação cearense comporta três divisões gerais e várias subdivisões parciais: *sertão* – com a caatinga, a vegetação das coroas, dos pés-de-serra, dos serrotes secos, das várzeas e lagoas, das várzeas secas e elevadas, dos tabuleiros arenosos ou pedregosos do interior, dos leitos dos rios; *serras* – a vegetação driática, dos píncaros e mais altas assentadas; *faixa costeira* – a vegetação dos estuários e camboas salgadas, das areias áridas, das baixadas frescas, das chapadas arenosas do interior.

"A caatinga cobre seguramente três quintas partes do nosso território e quase todo o sertão encantonado entre as serras sedimentárias circunvolventes e a faixa litorânea; no coração dêste polígono irregular alevantam-se serranias mais ou menos consideráveis que escapam às características botânicas e climatológicas do sertão." (p. 174).

São apresentadas listas de plantas mais comuns e/ou características das associações vegetais encontradas no Ceará. Também, extensas listas de animais marinhos, por grupos zoológicos, o mesmo com respeito aos animais de água doce – destaca a importância dos poços e açudes, como refúgios dos peixes nas épocas secas.

"As formas de grande desenvolvimento desapareceram; já não temos os grandes mamíferos dos outros Estados: a anta, o tatu canastra, o tamanduá-bandeira, a capivara, a queixada, o veado galheiro, etc. Êsses animais não puderam resistir ao regime das secas." (p. 200).

Após apresentar extensas listas de animais terrestres ocorrentes no Ceará, segundo grupos zoológicos, conclui que o nordeste semi-árido do Brasil tem uma fauna bem definida – que agora denominamos fauna cariri (PAIVA, 1995, 1999).

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1922 – [O Ceará: clima, hidrografia, relevo, geologia, solos, vida e secas]. In: BRASIL, Th. P. S. – *O Ceará no Centenário da Independencia do Brasil*, vol. I: I – V + 3 – 207. Typ. Minerva, [IV] + V + 562 + III pp., ilus., Fortaleza.

No prefácio, Thomaz Pompeo de Sousa Brasil informa a respeito da autoria das três partes desta importante obra sobre o Ceará. Diz ser Thomaz Pompeu Sobrinho o autor da primeira parte, que trata da natureza cearense.

Em verdade, a participação de Thomaz Pompeu Sobrinho, no livro do seu tio, é a segunda edição do *Esbôço Fisiográfico do Ceará*, escrito em 1916, mas publicado em 1922, nos *Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia,* realizado em Salvador.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1927 – A Terra das Seccas. *Cultura e Trabalho*, Rio de Janeiro, *I* (5) : 8 páginas. não numeradas. Mês de dezembro.

Informa a área de ocorrência de secas no nordeste do Brasil e assinala que ela não é inteiramente uniforme. Diz que a causa imediata das grandes secas não é a falta de chuvas, mas a extrema irregularidade de sua distribuição no espaço e no tempo, cujos efeitos são proporcionais à densidade da população.

"Nos estados do NE distinguem-se três regiões naturaes bem caracterizadas. O litoral, mais ou menos humido, baixo e arenoso; as serras elevadas (mais de 600 metros de altitude) frescas e relativamente humidas e o sertão de solo argilloso ou argillo–silicoso mais ou menos profundo, rochoso, sêcco e quente."

Assinala que a fisiografia do nordeste brasileiro favorece a indústria pecuária, apesar da ocorrência das secas.

Este trabalho também foi publicado na *Revista dos Industriaes*, editada em Fortaleza, no ano de 1929 [*I* (IV): 35 – 37; *I* (V – XI): 23 – 25].

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1935 – O florestamento do Nordeste e a Lucta contra as Seccas. *Bol. Insp. Fed. Obr. Contr. Sec.*, Rio de Janeiro, *3* (2): 54 – 60, *3* (3): 104 – 110, *3* (4): 150 – 157, *3* (5): 184 – 187.

De início, trata da antiga existência de florestas no nordeste do Brasil, com base nos escritos de cronistas e cientistas que estudaram a região, concluindo:

"Podemos, pois, resumir o que vimos de anotar affirmando que no territorio do Nordeste houve grandes florestas, das quaes restam ainda massiços redusidos, mas, em alguns pontos limitados, ainda apreciaveis e capazes de darem uma idéa da morphologia e dos caracteres da matta primitiva" (p. 57).

Estimou as áreas de matas costeiras do Ceará: serra da Ibiapaba ± 4.800 km^2; serras da Meruoca e do Rosário ± 250 km^2; serra da Uruburetama = 800 km^2; serras das Matas, Machado, Baturité, Maranguape, Aratanha, Cauípe e Juá ± 3.600 km^2; serra do Pereiro = 1.000 km^2. No total do estado, as matas costeiras cobriam aproximadamente 12.500 km^2.

Conclusões do autor: 1) não é fácil tarefa criar florestas no espaço semi-árido do nordeste do Brasil, onde elas nunca existiram; 2) o problema do florestamento regional é tecnicamente possível, mas dos pontos de vista econômico e prático é muitas vezes insolúvel; 3) a questão se limita à rearborização das grandes áreas que já ostentaram florestas driáticas (higrófilas).

"Ao nosso ver, o maior interesse das florestas no Nordeste está na sua enorme e indescriptivel capacidade de melhorar o regime das aguas precipitadas. E sob esse aspecto é que principalmente cumpre encarar as mattas na luta contra as sêccas" (p. 185).

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1938 – O Nordeste e as suas feições geográficas mais características. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *52*: 57 – 141.

Informa que o nordeste do Brasil, sob o aspecto térmico, comporta três zonas bem distintas: a zona quente do sertão, a

zona fresca das serras e a zona litorânea – esta com temperatura intermediária.

Faz detalhado estudo da serra da Ibiapaba, da serra do Araripe, da serra de Baturité, do Cordão Central de Serras Cearenses, da serra do Pereiro e outras correlacionadas com o planalto Pereiro – Borborema, da chapada do Apodi, planalto dos Inhamuns, costa nordeste, vale do Jaguaribe, vale do Cariri, bacias dos rios Acaraú, Aracatiaçu e Poti, planície do Pirangi e outras planícies.

Diz que no Ceará os solos predominantes são os seguintes: no sertão – o solo argiloso ou argilo-silicoso; na zona costeira e chapadas sedimentares – o solo arenoso ou areno-calcáreo; no vale do Cariri, chapada do Apodi e outras áreas restritas – o solo calcáreo.

*** POMPEU SOBRINHO, [Th.] – 1939 – A Serra de Baturité. In: MARTINS FILHO, A. & GIRÃO, R. – *O Ceará*, pp. 150 – 151. Editora Fortaleza, 470 pp., ilus., Fortaleza.

Breve estudo sobre a serra de Baturité, que ocupa uma área aproximada de 1.300 km2, distando 55 km a sudoeste da cidade de Fortaleza. Descreve a topografia, a constituição geológica, a hidrografia, os solos e a vegetação, clamando contra a devastação da floresta driática que outrora revestia as partes mais altas da serra, circundada pela caatinga.

*** POMPEU SOBRINHO, [Th.] – (1939) 1966 – O Ceará: Aspecto Fisiográfico e Antropológico. In: MARTINS FILHO, A. & GIRÃO, R. – *O Ceará*, 3a. ed., pp. 11 – 25, [1] fig. Editôra Instituto do Ceará, 548 pp., ilus., Fortaleza.

Combinando o clima com as condições pedológicas, no Ceará existem três aspectos florísticos bem distintos: o sertão, de clima seco, quente, com solo argiloso e geralmente pouco profundo – domínio da caatinga; as serras frescas, de clima quase temperado, menos seco – antigas florestas, de caráter driático; costas e chapadas sedimentares, de solo arenoso, clima fresco e mais úmido que o do sertão – associação florística psamófila.

As subáreas ecológicas do Ceará são as seguintes: litorânea, sublitorânea, vale do Jaguaribe, vale do Cariri, serras ígneas, serras sedimentares, sertaneja e Fortaleza.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1941 – Estrutura Geológica do Ceará. Noções estratigráficas e geogenia. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *LV*: 159 – 175.

Este é um artigo de síntese sobre a estrutura geológica primitiva do espaço onde agora se encontra o Ceará, acompanhando a sua evolução ao longo do tempo. Segue orientação já delineada no livro *Esbôço Fisiográfico do Ceará*, incorporando os avanços do conhecimento resultantes das atividades de tantos geólogos eminentes, entre eles alguns contratados pela Inspectoria (Federal) de Obras Contra as Sêccas.

Informa que no Ceará são encontrados restos de gigantescos animais extintos, com muita freqüência e por toda a parte, correspondendo ao pleistoceno. Em geral, as ossadas estão dentro de tanques naturais soterrados, que foram abertos nos sopés de serrotes de pedra ou no fundo lodoso de antigas lagoas. Assinala a distribuição dos achados fósseis pelos municípios do Ceará.

No começo do período holocênico, a geografia física do espaço cearense já era sensivelmente semelhante à que foi encontrada pelos colonizadores, que vem sendo modificada pela atividade humana.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1967 – Algumas notas sobre a hidrografia cearense: evolução cultural e perspectivas. *Aspectos*, Fortaleza, *I* (1): 57 – 94.

Trata da influência da hidrografia marinha e continental sobre o povoamento e o desenvolvimento do Ceará, destacando os recursos naturais das águas e aqueles com estas relacionados.

Discute as causas da difícil navegação costeira, a partir do Maranhão para o Ceará.

Logo após o descobrimento do Brasil, nos mapas geográficos então elaborados, trechos da costa cearense eram apontados como "terras de pescarias". Os nossos primeiros pescadores foram os índios tremembés, com balsas especializadas para a pesca em mar revolto. Entre os usos e recursos marinhos, assinala os transportes, a produção do sal e do pescado.

Apresenta um valioso resumo das características mais importantes da hidrografia continental cearense. Destaca as águas represadas em lagoas e açudes e o reverso das cheias desastrosas. Assinala a importância do ciclo das águas em relação às lavouras de vazantes e àquelas irrigadas, bem como a da criação de peixes. Defende a construção de açudes e das suas obras complementares, tendo em vista o abastecimento d'água, as lavouras irrigadas e as pescarias.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1979 – *Sesmarias Cearenses.* Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará, 229 pp., Fortaleza.

Trata-se de obra póstuma, organizada e anotada por Laudomiro Pereira. Resultou do estudo das cartas sesmeiras do Ceará.

De nosso particular interesse são as observações de natureza geográfica, possibilitando a localização das sesmarias no espaço cearense.

Na vertente da agropecuária, os estudos de Thomaz Pompeu Sobrinho refletem observações feitas nos dias de serviço no sertão cearense, percorrido em sucessivas viagens, ao lado das experiências vividas em sua fazenda, no município de Quixadá. O enfoque naturalista se baseia no estudo do ambiente, com maior atenção para as forrageiras nativas.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1917 – *A industria pastoril no Ceará.* Typo–Lithographia Gadelha, [IV] + 229 pp., Fortaleza.

Observando-se o sumário (índice) deste precioso livro, vemos que ele compreende três partes: o meio exterior, o meio interior e o meio social. No âmbito do nosso presente interesse,

destacamos a primeira parte, com os seguintes capítulos: I – a terra e o clima, II – a flora e a fauna, III – as forragens e IV – obstáculos naturais à criação de gados (as secas, as zoonoses, as plantas e animais nocivos). Na segunda parte, um capítulo também se ajusta ao objetivo deste estudo: trata-se do III – a luta contra o meio exterior.

Quando o autor cuida da terra e do clima do Ceará, ele próprio recomenda que se veja o seu *Esboço Physiographico do Ceará*, cuja primeira edição apareceu em 1916. Aqui houve apenas transposição de matéria antes explanada, assim afirmando:

"De tudo isto, conclúe-se que o meio physico do Ceará, antes de ser um empecilho, deve constituir um factor notavel de progresso. O homem e a maior parte dos animaes domesticos podem viver e prosperar aqui, bastando apenas uma pequena intervenção da intelligencia humana no sentido de modificar essa imprevidencia dos habitantes, caracteristica das terras bem dotadas pela natureza." (p. 38).

No capítulo sobre a flora e a fauna cearenses, o autor indica ser o texto correspondente tirado do seu mencionado livro, portanto, sem nova contribuição original.

No capítulo sobre as forragens, logo de início postula que todo o território cearense produz ou é susceptível de as produzir, informando ser o sertão a zona mais apropriada para a criação de gados, pela abundância de forragens nativas no tempo das chuvas.

Entre as principais forragens nativas herbáceas do Ceará, de caráter periódico, estão as seguintes gramíneas: capim-mimoso-do-Ceará, capim-pé-de-galinha, capim-milhã-branco, capim-panasco, capim-mimoso (outra espécie), capim-mimoso-dourado, capim-gengibre, capim-de-lagoa e capim-marreca. Sobretudo no sertão, as leguminosas herbáceas e sublenhosas estão por toda a parte – elas pertencem aos gêneros *Desmodium* Desv., *Phaseolus* L., *Cassia* L. e *Stylosanthes* Sw. Convém lembrar a canafístula-de-lagoa, que é preciosa forragem, com alto valor nutritivo.

Nas áreas mais secas estão as cactáceas forrageiras, tais como: xique-xique, mandacaru (comum), mandacaru-de-boi (facheiro) e os cardeiros, valendo ainda mencionar a palma (nati-

va) e cabeça-de-frade. Estas são utilizadas no rigor do estio anual e mais ainda nas secas, o mesmo acontecendo com as macambiras.

Ramas de algumas árvores constituem ricas forragens, entre as quais se destaca o juazeiro. Outras árvores de interesse: canafístula, mororó, catingueira, jucazeiro, jurema-branca, ingás, surucucu, umarizeira, feijão-bravo, sabiá e pau-branco – isto considerando apenas espécies nativas.

No que diz respeito às secas, resume o que foi dito no seu livro *O Problema das Seccas* – adiante comentado, relacionando-as entre 1614 e 1915 (303 anos), com a ocorrência de 26 secas = 50 anos secos. Indica as zoonoses mais mortíferas no Ceará, de maior freqüência: mal-triste (babesioses) e o quarto inchado (carbúnculo sintomático). Registra as plantas nativas tóxicas bem comuns: erva-lombrigueira, erva-da-costa, mandioca, jiriquiti, angelim, pau-de-mocó, angico, tingui, salsa, canudo, icó, cipó-de-macaco (tingui-das-piranhas), tipi, ervas-de-rato, zabumba e mata-zombando. Dos animais nocivos, apenas menciona os carrapatos e as cobras venenosas.

Sobre a luta contra o meio exterior, ela pode se processar pela irrigação e a lavoura seca (*dry-farming*), sem esquecer os prados permanentes, formados por árvores produtoras de ramas.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1917 – *Meios de desenvolver a industria pastoril no Ceará.* Typo–Litho Gadelha, 12 pp., Fortaleza.

Tese apresentada ao Primeiro Congresso Agrícola do Ceará (Quixadá – 1916).

Condena a costumeira suposição de não ser possível desenvolver as atividades agrícolas no Ceará, sem a prévia construção de grandes açudes e a conseqüente irrigação, de difícil, custosa e demorada execução.

Mesmo sem tais obras, muitos dos problemas agrícolas cearenses poderão ser solucionados, com a adequação das atividades ao meio ambiente semi-árido e a cooperação entre os poderes públicos e os agricultores/criadores. Concentra sua atenção na criação de bovinos, propondo a organização de fazendas–modelo

e estações de monta, para assistência aos fazendeiros dos sertões criadores, levando-os ao melhoramento da pecuária no Ceará.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1918 – *A questão da alimentação do gado no Ceará.* Eugenio Gadelha & Filho – editores, 34 pp., Fortaleza.

Logo de início, afirma a excelência dos sertões do Ceará, durante a estação das chuvas, para a criação de gados, o contrário acontecendo na estação seca.

"Assim, pois, entre as forragens nativas destas regiões convém distinguir as herbaceas e as arbóreas. Aquellas, salvo o caso de irrigação artificial, desapparecem no estio; estas, ordinariamente, resistem aos verões e ás sêccas." (p. 15).

Forragens nativas da família das gramíneas, quase todas herbáceas: panasco-verdadeiro, panasquinho-dos-tabuleiros, panasco-gigante, milhã-branca, milhã-de-talo-rôxo, milhã-de-cacho-dourado, pé-de-galinha-verdadeiro, capim-mimoso-verdadeiro, capim-mimoso-de-cabeça-rôxa, capim-mimoso-de-espiga, capim-marreca, capim-de-lagoa, capim-gengibre, capim-de-roça, carrapicho, barba-de-bode e agreste.

Leguminosas forrageiras nativas: agreste-do-sertão, feijão-de-rôla, favita, feijão-de-boi, fava-de-boi, feijão-de-bode, gergelim-bravo, rapadura-de-cavalo, oró, malícia-mansa, canafístula-de-lagoa, feijãozinho, vassourinha-de-lagoa e mendobim-bravo.

Forrageiras nativas da família das amarantáceas: cabeça-branca (= ervanço = nateira) e quebra-panela, esta com quatro variedades.

Forrageiras nativas da família das compostas: mal-me-quer-do-campo e sombreira.

Forrageiras nativas de outras famílias: melosa-de-flor-rôxa (acantácea), bamburral (labiada), gitirana-de-flor-azul e gitirana-de-flor-branca (ambas convolvuláceas).

Forrageiras nativas arbóreas: catingueira, pau-branco, mororó, jurema-preta, sabiá, juazeiro, ingazeira, canafístula, jucazeiro, feijão-bravo e outras.

Forrageiras nativas no tempo das secas: xique-xique, mandacaru, cardo, macambiras, carnaubeira, oiticica e juncos.

Diz ainda que o gado procura espontaneamente as beldroegas. Também, fala da rama do algodoeiro, da manipeba e da palmatória-sem-espinho – a segunda é nativa. Relaciona as gramíneas exóticas introduzidas no Ceará e trata dos cultivos de vazantes.

Faz comentários sobre cada forrageira, descreve características botânicas e ecológicas – para muitas delas apresenta resultados de análises químicas.

"... parece difficil contestar-se que nos abundam bôas forragens para uma racional alimentação do gado crioulo e mesmo para a dos mais exigentes e finos. Falta-nos somente adquirir o habito de colher essas forragens no tempo da abundancia e conservá-las para os meses sêccos ou annos calamitosos." (p. 33).

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1926 – Agricultura e pecuaria no Ceará. In: BRASIL, Th, P. S. – *O Ceará no Centenario da Independencia do Brasil*, vol. *II*: 261 – 436, [19] figs. Typ. Minerva, 742 + VI pp., ilus., Fortaleza.

Conteúdo: Agricultura – técnica agrícola, economia agrícola (fatores externos e internos); Pecuária – influências exteriores (as forragens, obstáculos – secas, zoonoses, plantas e animais nocivos), influências interiores (o gado, luta contra o meio), a fazenda.

"A derruba, nem sempre é completa; velha usança manda que se reservem certas arvores no meio do roçado. Ordinariamente, os juazeiros, as canafistulas de porte elevado, os catolés e as carnahubeiras são respeitados. Sendo o lavrador também criador, a rama forrageira dessas arvores talvez lhe possa, nas aperturas de uma sêcca, ser util; por vezes, e a necessidade de ter, aqui e ali, uma sombra que abrigue os trabalhadores ou a familia do roceiro quando, durante as limpas, chegam as horas do descanço e da refeição, que de ordinario são as mais quentes do dia." (p. 272).

Informa que o sertão é a melhor área de criação do gado, porque o solo eluvial e raso não permite vegetação arbórea mais densa. Assinala as principais forrageiras nativas, com suas características vegetativas: entre as arbóreas – juazeiro, canafístula, feijão-bravo, calumbi, mororó, sabiá, pau-branco e várias outras;

entre as gramíneas – panasco-verdadeiro, panasco-dos-tabuleiros, milhã-branca, milhã-de-talo-rôxo, milhã-de-cacho-dourado, pé-de-galinha-verdadeiro, capim-mimoso-verdadeiro, capim-mimoso-de-cabeça-rôxa, capim-mimoso-de-espiga, capim-marreca, capim-de-lagoa, capim-gengibre, capim-de-roça, carrapicho, barba-de-bode, agreste e agreste-do-sertão; entre as leguminosas – feijão-de-rôla, favita, feijão-de-boi, feijão-de-bode, gergelim-bravo, rapadura-de-cavalo, oró, malícia-mansa, canafístula-de-lagoa, feijãozinho, vassourinha-de-lagoa, mendobim-bravo e camaratuba.

*** POMPEU SOBRINHO, [Th.] - 1928 - Valor das forragens nativas do Ceará. *Revista dos Industriaes*, Fortaleza, *I* (I): 61 - 62.

"Não é possivel imaginar outra região mais rica de optimas forragens e mais propria á criação de gados do que os amplos sertões do Ceará, durante a estação das chuvas." (p. 61).

Entre as gramíneas forrageiras, destaca o panasco, as variedades de milhã, o pé-de-galinha, as diferentes espécies de mimoso e o capim-marreca. Das amarantáceas, chama a atenção para o quebra-panela. Das ramas forrageiras, apresenta resultados de análises dos nutritivos digestíveis do juazeiro, jucazeiro, pau-branco e sabiá.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. - 1929 - A producção no Ceará e o seu tardo desenvolvimento. *Revista dos Industriaes*, Fortaleza, *I* (II): 28 - 30, [1] fig.

Informa que no espaço do Ceará a média das chuvas está em torno de 1.000 mm/ano. As áreas de mais fraca pluviosidade (média anual ao redor de 500 mm/ano), estão na bacia do rio Curu, ao sul da serra da Uruburetama; na bacia do rio Poti, ao sul e sudeste; na bacia do alto Jaguaribe, nos Inhamuns.

Conclui "que o factor natureza – solo, clima, sêccas, etc. – não constitue o mais serio obstaculo á expansão productiva do Ceará." (p. 29).

*** POMPEU SOBRINHO, Th. - 1929 - Origens e desenvolvimento da industria agro-pecuaria no Ceará. *Revista dos Industriaes*, Fortaleza, *I* (III): 35 - 38, [1] fig.

Informa que os primeiros contatos dos indígenas cearenses com estrangeiros, ocorreram entre os tabajaras e traficantes franceses. Os produtos naturais mais procurados eram as madeiras uburaquatiara, tatagiba e violeta, os papagaios e macacos; comerciavam também com a pimenta e o algodão, por aqueles cultivados.

Assinala que o crescimento econômico do Ceará foi essencialmente pastoril, o que explica o rápido povoamento dos sertões.

"Os campos abertos, as caatingas ralas, o contraste das estações humida e sêcca, ordinariamente sem exageros prejudiciaes, contribuindo cada uma com as suas condições especificas proprias á proliferação da vida dos herbivoros attrahiu desde cedo os criadores de Pernambuco e Bahia, criando esse regimen pastoril do Nordeste, tão bem definido, em que Capistrano de Abreu, com a sua arguta visão, percebe duas phases." (pp. 37 - 38).

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1931 – *Pecuaria no Ceará.* Tipografia Gadelha, 57 pp., [13] figs., Fortaleza.

Diz que as condições do meio físico cearense são propícias ao desenvolvimento progressivo da criação, que reclama muito menos trabalho e capital.

Descreve o território do Ceará, desde a fímbria marítima ao extremo sul e indica que na estação das chuvas há abundância de vegetação herbácea, o contrário acontecendo na estação seca.

Mais uma vez relaciona as forrageiras e ramas nativas, com suas características ecológicas e econômicas.

Volta a tratar dos obstáculos naturais à criação de gado no Ceará: as secas, as zoonoses, as plantas tóxicas e os animais nocivos.

Na vertente das secas do Ceará, os estudos de Thomaz Pompeu Sobrinho não encontram paralelo na literatura pertinente, reunindo observações próprias e analisando escritos os mais diversos, com

clareza, objetividade e grande erudição. Foi o maior pesquisador das secas do nordeste brasileiro (ANDRADE, 1980: 364).

*** POMPEU SOBRINHO, Th. - (1916) 1920 – *O problema das seccas no Ceará.* Eugenio Gadelha & Filho, 2. ed., 93 pp., Fortaleza.

"Não bastam muitos e colossaes açudes. Os canaes distribuidores d'água constituem orgãos indispensaveis; são obras de importancia equivalente á das grandes muralhas de retenção quanto ao custo, mas, como ellas igualmente efficientes, quando construidas segundo os rigorosos modelos technicos e juntamente applicadas a cada caso particular. Sem os canaes de irrigação, os grandes reservatorios teriam sua efficiencia, na lucta contra as sêccas, reduzida a menos de 10 por cento." (p. 4).

A respeito das secas, informa que os problemas delas resultantes podem ser resolvidos com a adoção das seguintes providências: fornecer umidade precisa ao cultivo das terras, cultivar conveniente e racionalmente essas terras e dispor da produção que exceder as necessidades do consumo interno. Para possibilitar o cultivo das terras secas há o recurso à irrigação sistemática e ao *dry-farming*.

Com base em cálculos diversos, a partir da pluviosidade média, diz que temos condições de irrigar 1.858.810 ha no Ceará, mas que existem apenas 800.000 ha de terras facilmente irrigáveis por gravidade, havendo excesso de água, que pode ser aproveitável nos anos escassos ou secos – daí a importância dos açudes.

Assinala que mais de um milhão de hectares de boas terras podem ser cultivados no Ceará, pelo sistema do *dry-farming*, aproveitando a umidade do solo, que se perde pelos efeitos da capilaridade e da evaporação.

Ressalta que o terceiro processo que permite o aproveitamento agrícola das terras semi-áridas cearenses é o cultivo de árvores, principalmente no litoral, nas serras frescas e nos aluviões dos rios e riachos – zonas mais apropriadas para o florestamento ou o reflorestamento.

Apresenta quadro com dados sobre o desenvolvimento de essências florestais nativas e exóticas, no Horto Florestal de Quixadá.

O livro comporta três linhas de interesse. Na introdução existe um esboço histórico sobre as secas do Ceará e as providências rotineiramente adotadas para minimizar os seus efeitos, até a criação da Inspectoria de Obras Contra as Sêccas (1909). Depois, trata da seca propriamente dita, das suas causas e conseqüências, da freqüência das ocorrências, dando maior destaque aos aspectos econômicos e sociais das calamidades. Por fim, discute a problemática das secas, as práticas de combate aos seus efeitos e de assistência às populações flageladas, fazendo fortes críticas ao desempenho governamental no trato do problema, por falta de objetividade, excesso de centralização burocrática, ausência de planejamento e ação deletéria dos políticos. Indica providências que deveriam ser adotadas e clama por maior participação do povo na luta contra o flagelo climático, salientando a necessidade da capacitação de técnicos para o desempenho das tarefas impostas pela adoção de novas(os) práticas e métodos de combate aos efeitos das secas. Obra densa e útil, ainda valiosa, já passadas tantas décadas de sua primeira edição.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. - 1924 - Chuvas no Ceará em 1923. *Revista do Instituto Polytechnico do Ceará*, Fortaleza, *I* (1): 3 páginas não numeradas, [1] fig.

Compara a distribuição das chuvas caídas no Ceará em 1923 com o "Atlas Pluviometrico do Nordeste do Brasil", elaborado pelo Dr. Delgado de Carvalho, com dados de 1912 a 1920.

As três zonas de pluviosidade superior a 1.000 mm/ano (Ibiapaba, triângulo de Fortaleza e Cariri), são as mesmas indicadas no Atlas, mas com grandes diferenças nos seus contornos. Duas outras zonas secundárias, também com pluviosidade acima de 1.000 mm em 1923 (maior parte da serra do Pereiro e faixa ao norte da serra do Estevão – Quixadá), não estão indicadas no Atlas.

A carta das chuvas de 1923 assinala cinco zonas de baixa pluviosidade (menos de 600 mm/ano), das quais a de maior importância cobre os altos sertões dos Inhamuns.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1925 – As seccas do Nordeste (1825 – 1925). *Diário de Pernambuco*, edição do primeiro centenário (07/11/1925): 49 – 52, Recife.

De início, trata de antigos procedimentos adotados pelos bispos de Pernambuco e Bahia, para o socorro de populaçõe flageladas pelas secas. Diz que as primeiras providências administrativas, de cunho racional, tendo em vista o combate aos efeitos desastrosos das secas, partiram do senador José Martiniano de Alencar, durante o seu governo na província do Ceará (1834 – 1837), cuidando da abertura de estradas, construção de açudes, trazendo artífices e colonos agricultores estrangeiros, etc.; também procurou animar a iniciativa particular, oferecendo prêmios em dinheiro a quem construísse açudes.

De 1825 a 1925 o nordeste brasileiro sofreu seis horríveis secas. A primeira delas já em 1825, quando, além dos efeitos desastrosos sobre a agricultura e a pecuária, surgiram bandos de ladrões, aumentando os sofrimentos dos flagelados, retirantes dos centros atingidos pela falta de chuvas, em procura de zonas mais favoráveis à vida.

Somente depois da seca de 1845, a atenção dos estadistas e homens esclarecidos se voltou para o problema das secas, mas a ação administrativa não passava da discussão improfícua e conselhos impraticáveis.

A seca de 1877 – 1879 causou surpresa geral, depois de 32 anos de invernos bons ou regulares, encontrando todos desprevenidos, ficando os sertões quase desertos. O governo imperial organizou uma Comissão destinada a propor medidas para prevenir a calamidade das secas, que chegou ao Ceará em princípios de 1878. Ela acabou aconselhando a construção de açudes de todos os tamanhos, o prolongamento da estrada-de-ferro de Baturité, a instalação de observatórios meteorológicos, a construção de canal para derivar águas do rio São Francisco para o Jaguaribe, a perfuração de poços artesianos e a arborização / rearborização em grande escala. Em conseqüência, o governo imperial incumbiu o engenheiro Jules J. Revy de estudar, no Ceará, os melhores locais para

a construção de açudes – daí a decisão de construir o açude Cedro (Quixadá).

Uma outra seca apareceu em 1900, depois de anos com escassas chuvas, havendo o governo republicano adotado a providência de despovoar o Ceará e demais estados atingidos pela seca, fornecendo passagens para os flagelados migrarem para fora da região.

Nova seca surgiu em 1915 e outra em 1919, quando levas de nordestinos se dirigiram para a Amazônia, continuando o processo de despovoamento regional.

Em 1909 foi criada a Inspectoria de Obras Contra as Sêccas, mas o autor fala do despreparo, da burocracia e da politicagem dominantes na nova agência pública. Apesar disto, foram estudadas as condições físicas nordestinas e obras foram concluídas – o apogeu de obras e serviços correspondeu ao governo de Epitácio Pessoa.

É natural que este trabalho concentre a atenção no Ceará, onde as secas são mais calamitosas e por causa da naturalidade do autor – envolvido com as secas desde o início de sua carreira de engenheiro (1903).

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1936 – Sugestões para a Lei Orgânica das Sêcas. *Nordeste Agrícola*, Fortaleza, *1* (5 / 6 / 7): 115 – 125.

Este trabalho foi solicitado pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, tendo sido a ela enviado em setembro de 1934.

Em resumo, as sugestões apresentadas foram as seguintes:

- as atividades governamentais devem se basear em três grandes linhas, compreendendo estudos, obras e educação do povo;
- os trabalhos nestas linhas devem ser executados simultaneamente em toda a região das secas, preferentemente em áreas restritas das zonas mais castigadas pela falta de chuvas;
- os trabalhos serão rigorosamente sistemáticos, começando-se por um reconhecimento geral;
- além dos trabalhos em áreas restritas, outros deverão ser realizados, abrangendo vastas áreas e mesmo toda a região, onde

se incluem levantamentos diversos, principalmente hidrológicos e meteorológicos;

- não deverão ser construídos açudes de um sistema sem que, concomitantemente, sejam atacadas as redes dos canais de irrigação e obras complementares;

- a seleção de zonas e áreas, para a concentração das atividades, dependerá da densidade demográfica e da freqüência/intensidade das secas.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1953 – *História do Ceará: História das Sêcas (Século XX).* Coleção Instituto do Ceará, 542 pp., Fortaleza.

Diz que o problema das secas abrange quatro questões correlatas, que podem ser tratadas separadamente:

- ajustamento do meio ambiente para a distribuição racional da água em quantidade suficiente, com a preparação pedológica ou do solo;

- ajustamento do homem nordestino ao seu meio ambiente, através da educação;

- recrutamento e capacitação de técnicos, em número e qualidade necessários;

- preparação política do povo e dos seus dirigentes.

"As sêcas, como ordinàriamente entendemos, são fenômenos físico-sociais. Oferecem uma face física e outra humana que se entrosam mais ou menos ìntimamente, produzindo efeitos de ordem social, cuja morfologia é função de algumas variáveis independentes; destas, as mais importantes são a densidade demográfica da região assolada e o nível cultural das populações atingidas." (p. 19).

Na primeira metade do século XX, a evolução das idéias sobre as secas nordestinas experimentou considerável avanço:

- ficou estabelecida a relação entre a freqüência das manchas solares e a ocorrência dos invernos ou das secas;

- grande número de relações referentes aos determinantes imediatos dos fenômenos foram esclarecidas;

- as secas não são fenômenos isolados, mas resultam de perturbações atmosféricas muito amplas.

As soluções propostas para o problema das secas do nordeste do Brasil são as seguintes:

- *solução hidráulica*, pela açudagem e irrigação;
- *solução florestal*, mediante o reflorestamento ou florestamento intensivo e racional do território;
- *solução agronômica*, pela cultura científica do solo (*dry-farming*);
- *solução compósita*, pelo adequado ajustamento do meio físico e do meio social às ocorrências de secas.

A solução compósita impõe o concurso da natureza disciplinada e do homem educado, tendo em vista: a açudagem e a irrigação; o florestamento ou reflorestamento; a lavoura seca (*dry-farming*); a *rainfall effectiveness*; a cultura de lavouras de resistência às secas; a nucleação artificial de nuvens, provocando chuvas.

Este famoso livro compreende duas partes. *Primeira* – As Secas, com os capítulos I – As secas de 1900 a 1950. Seqüência e reações; II – A evolução do conhecimento das secas na primeira metade do XX século; III – Evolução das soluções do problema das secas no século XX; IV – A solução compósita do problema das secas; V – Apreciação sumária de alguns fatores na luta contra as secas. *Segunda* – A luta contra as secas. Ação oficial e contribuição particular, com os capítulos I – Primeiro período – 1901 a 1909; II – Segundo período: 1909 a 1919. A Inspetoria de Secas; III – Terceiro período. Epitácio Pessoa; IV – Quarto período: outubro de 1930 a 1934. Governo Provisório; V – Quinto período: de 1935 a 1939. Estagnação e grandes açudes de terra. José Américo de Almeida; VI – A ação do Governo Estadual; VII – A contribuição particular na luta contra as secas.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1954 – A luta contra as secas e seus problemas. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, *LVIII*(26): 252 – 262.

Em resumo, o autor propõe o "ajustamento do meio geográfico nordestino a uma situação que permita normalmente a explo-

ração racional ou científica do solo, trabalhado por obreiros prática e intelectualmente capazes." (p. 257).

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1958 – Orientação científica na luta contra as secas. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *72*: 5 – 14.

"Neste trabalho se estuda a contribuição científica, referente à luta contra as sêcas, animada ou promovida pela administração governamental, diretamente responsável por essa luta." (p. 5).

Após dizer que a solução do problema das secas exige adequada orientação científica, relaciona os trabalhos publicados pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas ou por esta apoiados, nos campos da astronomia, geografia / geologia, botânica / fitogeografia, meteorologia / clima, hidrografia e piscicultura.

Na vertente da antropologia estão os trabalhos que refletem a preocupação com o homem nordestino e sua adequação ao ambiente de ocorrência das secas, reflexo de uma evolução cultural.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. - 1925 - A fixação do homem no Nordeste. *Revista do Instituto Polytechnico do Ceará*, Fortaleza, *II* (2 - 3): 3 páginas não numeradas.

"A ligeira syntese ecologica que fizemos mostra que o Ceará ou, mais geralmente, o Nordeste é uma terra de sol e irregular humidade; terra fertil, muito fertil mesmo, mas sujeita a uma pluviosidade variavel, ora excessiva, ora deficiente."

O Ceará é um produtor de gente, mas não tem condições para uma forte fixação da sua população: na praia o homem é pescador, no sertão é criador e nas serras ou vales frescos é agricultor. O sertão é a principal zona produtora de gente, porém não fixadora; a costa não oferece suficientes garantias de fixação; as serras ou vales frescos sofrem com as secas nos sertões circundantes, recebendo excedentes de população, que lhes causam desorganização social e econômica.

"Das considerações que vimos de fazer resulta uma conclusão importante e momentosa: - não é e nem será possivel impedir a emigração dos nordestinos."

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1937 – O homem do Nordeste. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *51*: 321 – 388.

Estuda a gente das caatingas nordestinas, nos seus mais diferentes aspectos: biológico, sanitário, econômico, moral, religioso e jurídico.

Trata do povoamento dos sertões e da contribuição das raças na construção do povo. Discute as influências ambientais no comportamento dos sertanejos. Informa ter sido fácil a penetração e disseminação do gado nas caatingas, por causa do mato aberto e devassável.

Diz ser o leite o alimento de eleição do homem das caatingas, mas que a expansão do comércio do gado e o encarecimento da carne, tornaram os feijões e as favas mais importantes na alimentação dos sertanejos.

Destaca a capacidade de resistência e a fecundidade da gente que ocupa o espaço das caatingas do nordeste do Brasil.

*** POMPEU SOBRINHO, Th. – 1940 – Alguns aspectos da geografia humana cearense. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *LIV*: 153 – 192.

Faz um levantamento dos recursos alimentares da caatinga, tais como palmitos das carnaubeiras novas e dos caules anões das macambiras, os frutos verdes ou ainda muito tenros das carnaubeiras, os frutos do catolé e de outras palmeiras agrestes, os frutos do umbuzeiro e do pequizeiro, o peixe dos poços, a caça – principalmente as avoantes.

Assinala os recursos forrageiros da caatinga: folhagem nova da catinga-de-porco, do sabiá, do pau-branco, do jucazeiro, do camará e de muitas outras espécies – a mais preciosa planta forrageira é o capim-panasco, muito resistente ao vento e às intempéries.

"Graças ao contraste das estações, a fauna agressiva que a catinga abriga é reduzida; a dificuldade de adaptação afugenta do meio certo número de animais que não suportam bem o calor ou secura, os ventos ou a insolação; ou, quando a tanto se aco-

modam, não resistem à umidade da estação pluviosa, às inundações, etc." (p. 162).

A luta contra os elementos biológicos da caatinga se limitava quase que aos tinguis, às onças famintas e às cobras venenosas.

A fruta nativa por excelência dos tabuleiros litorâneos e das praias é o caju, aliás já utilizado pelos tapuias do interior, que eram atraídos às praias na época da safra, inclusive para a produção do vinho fermentado. Nos tabuleiros litorâneos, a principal lavoura indígena era a da mandioca, como ainda acontece nos dias atuais.

De certa forma, os índios já lutavam contra as secas, porque construíram pequenas represas, para dispor da água na época do estio. Os cariris e os tarairiús aprenderam a fazer tais barramentos em cursos d'água, deixando vestígios no rio Cariús e nas cabeceiras do rio Sitiá, no sertão cearense; além da disponibilidade de água para consumo e manutenção de lavouras, atraíam a caça, que procurava as aguadas no verão. Eles ensinaram aos colonos a construir os primeiros açudes coloniais, na vastidão dos sertões semi-áridos nordestinos.

Diz que a abundância periódica da água, as excelentes forragens e o campo aberto (caatinga), tornaram a região muito própria para a criação de gados rústicos, fator principal do povoamento do interior do nordeste do Brasil.

"Os açudes, as casas, os caminhos, as lavouras, os currais e abrigos do gado, as mangas e até os hábitos, o temperamento e a economia privada dos habitantes refletem aquelas peculiaridades cósmicas do sertão." (p. 192).

O homem e o tempo

Thomaz Pompeu Sobrinho é um dos raros intelectuais que viveram, em sua plenitude, a grande aventura do conhecimento humano, evoluindo do meio físico para o social, mostrando competência e brilho no trato dos problemas que se antepuseram perante sua inteligência, nas diversas etapas do saber, com a modéstia dos santos e a iluminação dos sábios, sempre a serviço do seu

povo. Podia ter se tornado rico e político poderoso, mas preferiu a simplicidade que lhe marcou a vida, como cientista e cidadão do Brasil.

Tendo acumulado tanto conhecimento, ao longo dos anos, toda a sua vida profissional se desenrolou no Ceará, longe de centros acadêmicos avançados – tornou-se um doutor pelo próprio trabalho, um expoente da cultura universal.

"A verdade é que muito lhe deve o Ceará, porque certamente nenhum dos seus filhos mais se voltou para a análise científica dos seus problemas nem com mais segurança e penetração os estudou e conheceu." (CÂMARA, 1967).

Agradecimentos: Na condução do presente estudo contamos com a ajuda de pessoas e instituições, sem a qual não teríamos chegado ao fim desejado – a todas elas os nossos agradecimentos. Em especial, desejamos destacar pessoas e instituições, merecedoras de nossa melhor gratidão: **pessoas** - Afrânio Gomes Fernandes, Alice Pinheiro Pompeu, Alzir Barreto de Araújo, Celda Brasil Girão, Elza Feijó Marinho Araújo, Francisco Ferreira Alencar, Frederico Pernambucano de Mello, Geraldo da Silva Nobre, João Elmadam Machado Maia, Jorginaldo William de Oliveira, José Ferreira Alencar, Madalena Maria Montenegro Figueiredo, Maria Herlene Silva Franklin, Oswaldo Evandro Carneiro Martins, Raimunda Negreiros de Andrade e Valdelice Carneiro Girão; **instituições** - Academia Cearense de Letras, Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública do Estado do Ceará, Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) e Universidade Federal do Ceará.

Glossário de nomes vulgares

Infelizmente, não foi possível encontrar os nomes científicos de algumas das plantas mencionadas no texto deste estudo, as quais foram excluídas do glossário abaixo apresentado.

Vegetais: algodoeiro = *Gossypium hirsutum* L.; angelim = *Andira retusa* H. B. K. e/ou *Derris araripensis* Benth.; angico =

Piptadenia macrocarpa Benth. e/ou *Piptadenia peregrina* Benth.; bamburral = *Hyptis suaveolens* Poit. e/ou *Hyptis graveolens* Mart.; barba-de-bode = *Andropogon virginicus* L., *Aristida pallens* Cav., *Sporolobus aeneus* Kunth, *Sporolobus argutus* Kunth, *Sporolobus virginicus* Kunth e/ou *Cyperus compressus* L.; beldroega = *Portulaca oleracea* L.; cabeça-branca (= ervanço = nateira) = *Froelichia humboldtiana* Seub., *Froelichia lanata* Moq., *Gomphrena cearensis* Moq., *Gomphrena demissa* Mart., *Gomphrena gardneri* Moq., *Telanthera brasiliana* Moq., *Telanthera dentata* Moq. e/ou *Telanthera polygonoides* Moq.; cabeça-de-frade = *Pithecoseris pacourinoides* Mart.; cajueiro = *Anacardium occidentale* L.; calumbi = *Mimosa malacocentra* Mart.; camará = *Lantana camara* L.; canafístula = *Cassia excelsa* Schrad., *Cassia ferruginea* Schrad., *Cassia fistula* L., *Cassia grandis* L. e/ou *Cassia multijuga* Richard; canafístula-de-lagoa = *Pithecolobium cauliflorum* Benth.; canudo = *Ipomea crassicaulis* Robinson; capim-de-roça = *Axonopus compressus* Beauv., *Digitaria argillacea* Fern., *Digitaria sanguinalis* Scop. e/ou *Digitaria horizontalis* Willd.; capim-gengibre = *Paspalum maritimum* Trin.; capim-marreca = *Paspalum conjugatum* Berg; capim-milhã-branco = *Brachiaria plantaginea* Hitchc., *Panicum velutinosum* Nees e/ou *Setaria verticillata* Beauv.; capim-mimoso = *Anthephora hermaphrodita* Kuntze e/ou *Gymnopogon mollis* Nees; capim-mimoso-de-cabeça-rôxa = *Chloris inflata* Link, *Chloris orthonoton* Doell e/ou *Chloris virgata* Sw.; capim-mimoso-de-espiga = *Setaria scandens* Schrad.; capim-mimoso-do-Ceará = *Anthephora hermaphrodita* Kuntze; capim-panasco = *Aristida setifolia* H. B. K. e/ou *Eragrostis pilosa* Beauv.; capim-pé-de-galinha = *Echinochloa crus-galli* Beauv., *Echinochloa crus-pavonis* Schult. e/ou *Eleusine indica* Gaertn.; cardo = *Cereus adscendens* Guerke, *Cereus catingicola* Guerke, *Cereus chrysostele* Vaupel, *Cereus piauhyensis* Guerke, *Cereus pitajaya* DC, *Cereus rhodanthus* Guerke e/ou *Cereus ulei* Guerke.; carnaubeira = *Copernicia cerifera* (Arr. Cam.) Mart.; carrapicho = *Cenchrus echinatus* L., *Cenchrus tribuloides* L. e/ou *Cenchrus viridis* Spreng.; catinga-de-porco = *Caesalpinia pyramidalis* Tul.; catingueira = *Caesalpinea pyramidalis* Tul.; catolé = *Syagrus comosa* Mart. e/ou

Syagrus picrophylla Barb. Rodr.; cipó-de-macaco (=tingui-das-piranhas) = *Calopogonium coeruleum* Hensl.; erva-da-costa = *Schubertia multiflora* Mart.; erva-de-rato = *Psychotria chlorotica* Muell. Arg., *Psychotria marcgravii* Spreng. e/ou *Psychotria rigida* Willd.; erva-lombrigueira = *Spigelia anthelmia* L.; fava-de-boi = *Canavalia obtusifolia* DC; favita = *Peltophorum dubium* Taub.; feijão-bravo = denominação comum das espécies dos gêneros *Phaseolus* L., *Vigna* Savi e *Centrosema* DC; feijão-de-boi = *Crotalaria incana* L., *Dioclea virgata* Amshoff, *Dioclea lasiophylla* Mart., *Desmodium papulare* Hoehne e/ou *Capparis cynophallophora* L.; feijão-de-rôla = *Phaseolus lathyroides* L. var. *semierectus* Hassk., *Phaseolus longipedunculatus* Mart. e/ou *Phaseolus martii* Benth.; feijãozinho = *Rhynchosia minima* DC; gergelim-bravo = *Crotalaria anagyroides* H. B. K., *Crotalaria juncea* L., *Crotalaria retusa* L., *Crotalaria mucronata* Desv., *Crotalaria stipularia* Desv. e/ou *Crotalaria vitellina* Kerr; gitirana-de-flor-azul = *Jacquemontia asarifolia* L. B. Smith, *Jacquemontia cearensis* Hub., *Jacquemontia nodiflora* Don var. *congesta* Hub. e/ou *Jacquemontia saxicola* L. B. Smith; gitirana-de-flor-branca = *Ipomoea glabra* Choisy, *Ipomoea horrida* Hub. e/ou *Ipomoea* aff. *pentaphylla* Jacq.; icó = *Capparis yco* Eichl.; ingá (= ingazeira) = numerosas espécies do gênero *Inga* Willd.; jiriquiti = *Abrus precatorius* L.; juazeiro = *Zizyphus joazeiro* Mart.; jucazeiro = *Caesalpinia ferrea* Mart. ex Tul.; junco = nome comum de diversas ciperáceas, encontradas em solos ácidos e úmidos; jurema-branca = *Pithecolobium dumosum* Benth.; jurema-preta = *Mimosa acutistipula* Benth.; macambira = *Bromelia laciniosa* Mart. e/ou *Eucholirium spectabile* Mart.; malme-quer-do-campo = *Calendula officinalis* L.; malícia-mansa = *Mimosa camporum* Benth., *Mimosa sensitiva* L. e/ou *Mimosa somnians* H. & B.; mandacaru (= mandacaru-de-boi) = *Cereus jamaracu* P. DC; mandioca = *Manihot esculenta* Crantz; manipeba = variedade da mandioca; mata-zombando = *Schultesia guianensis* Malme; melosa-de-flor-rôxa = *Ruellia asperula* Lindau; mendobim-bravo = *Arachis pusilla* Benth.; milhã-branca = *Brachiaria plantaginea* Hitchc., *Panicum velutinosum* Nees e/ou *Setaria verticillata* Beauv.; milhã-de-cacho-dourado = *Panicum*

fasciculatum Swartz; milhã-de-talo-rôxo = *Paspalum malacophyllum* Trin , mororó = *Bauhinia forficata* Link; oiticica = *Licania rigida* Benth.; oró = *Phaseolus panduratus* Mart.; palma (nativa) = espécie(s) do(s) gênero(s) *Nopalea* Salm-Dyck e/ou *Opuntia* Mill ; palmatória-sem-espinho = *Opuntia monacantha* Haw. e/ou *Opuntia ficus-indica* Mill , panasco-gigante = *Eragrostis pilosa* Beauv.; panasco-verdadeiro = *Aristida adscensionis* L.; panasquinho-dos-tabuleiros = *Aristida setifolia* H B. K.; panasco-dos-tabuleiros = *Setaria geniculata* Beauv , pau-branco = *Auxemma oncocalyx* Taub ; pau-de-mocó = *Luetzelburgia auriculata* Ducke; pé-de-galinha-verdadeiro = *Dactyloctenium aegyptium* Richt., pequizeiro = *Caryocar coriaceum* Wittm.; quebra-panela = denominação de amarantáceas dos gêneros *Gomphrena* L e *Alternanthera* Forsk.; rapadura-de-cavalo = *Desmodium discolor* Vog.; sabiá = *Mimosa caesalpiniaefolia* Benth.; salsa = *Ipomoea asarifolia* Roem. & Schult.; surucucu = *Piptadenia biuncifera* Benth., tatagiba = *Chloroflora tinctoria* Gaud., *Maclura affinis* Miq. e/ou *Maclura xanthoxylon* Endl.; tipi = *Petiveria alliacea* L.; umarizeira = *Geoffraea spinosa* Jacq.; umbuzeiro = *Spondias tuberosa* Arr Cam.; violeta = *Dalbergia cearensis* Ducke; xique-xique - *Cereus gounellei* K. Schum , zabumba = *Datura stramonium* L e/ou *Datura metel* L.

Animais: anta = *Tapirus terrestris* (L.); avoante = *Zenaida auriculata noronha* (Chubb); capivara = *Hidrochaeris hidrochaeris hidrochaeris* (L), onça(s) - *Panthera onca* (L.) e/ou *Felis concolor* L.; queixada = *Tayassu pecari* (Link); tamanduá-bandeira = *Myrmecophaga tridactyla* L.; tatu-canastra = *Priodontes maximus* Kerr; veado-galheiro = *Ozotoceros bezoarticus* (L.).

Bibliografia consultada

A bibliografia consultada, tendo em vista a elaboração do presente estudo, está abaixo relacionada. Os trabalhos e livros referidos no texto estão indicados por asterisco (*), antecedendo o(s) nome(s) do(s) seu(s) autor(es).

ADERALDO, M. S. – 1980*a* – Atualidade de Pompeu Sobrinho e Guimarães Duque. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *100*: 143 – 146.

ADERALDO, M. S. – 1980*b* – Saudando Pompeu Sobrinho. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (41): 55 – 58.

ALVES, J. – (1949) 1997 – Autores Cearenses. UFC – Casa de José de Alencar, 2a. ed., 172 pp., Fortaleza. Nota sobre a *Proto-História do Ceará* e outros estudos de Thomaz Pompeu Sobrinho: pp. 73 – 88.

A[MORA], M. A. – 1958 – História das Sêcas (Seculo XX). *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 72: 297 – 298.

* ANDRADE, F. A. – 1957 – Frondes e raízes do Ceará. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *71*: 178 – 184.

ANDRADE, F. A. – 1968 – Três humanistas do Instituto do Ceará. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *86*: 23 – 40.

[ANDRADE], F. A. – 1970 – [Discurso de recipiendário na Academia Cearense de Letras]. In: GIRÃO, R. (org.) – 1976 – *Falas Acadêmicas*, pp. 587 – 603. Academia Cearense de Letras, 777 pp., Fortaleza.

* ANDRADE, F. A. – 1971 – O humanismo telúrico de Tomás Pompeu Sobrinho, um pioneiro da geografia ativa no Brasil. In: ANDRADE, F. A. & GALENO, C. M. S. – *Humanismo Telúrico do Nordeste*, pp. 26 – 87, [3] figs. Editôra Henriqueta Galeno, 113 pp., ilus., Fortaleza.

* ANDRADE, F. A. – 1979 – *Ensino e desenvolvimento das ciências agrárias no Nordeste (Ceará) : 1918 – 1978*. Banco do Nordeste do Brasil S/A, 555 pp., ilus., Fortaleza.

* ANDRADE, F. A. – 1980 – Abrangência e atualidade de Tomás Pompeu Sobrinho. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *94*: 351 – 381. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (41): 26 – 54.

ANDRADE, L. R. – 1980 – Recordações para uma biografia. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (41): 81 - 83.

ANÔNIMO – 1923 – Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho. *O Norte*, Rio de Janeiro, *V* (167 – novembro): [2 – 3], [1] fig. Nota: relata a festiva recepção feita em Quixadá ao engenheiro Thomaz Pompeu Sobrinho, em visita àquela cidade, logo após ter sido nomeado chefe do 1º Distrito da Inspectoria Federal de Obras Contra as Sêccas. Contém texto da saudação pronunciada pelo Dr. Eusébio de Sousa, juiz da comarca.

ANÔNIMO - 1950 - Pompeu Sobrinho. *Bol. Inst. Ceará*, (nova fase), Fortaleza, *I* (3): 1 - 2.

ANÔNIMO – 1965 – Nosso homem na ciência. *O Povo*, ed. 15 - 16/11/65, Fortaleza.

ANÔNIMO – 1967 – Morreu Thomaz Pompeu. *O Povo*, ed. 09/11/67: 2, Fortaleza.

A[ZEVEDO], S. – 1975 – Os nossos mortos. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (36): 242 – 246. Nota sobre Tomás Pompeu de Sousa Brasil: pp. 242 – 243.

BARROSO, J. P. – 1980 – Pompeu Sobrinho – doutor máximo do Ceará. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *100*: 302 – 312. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (41): 17 – 25.

BEZERRA, J. C. – 1980 – Pompeu Sobrinho, uma vida. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (41): 64 – 65.

BRAGA, R. – (1953) 1960 – *Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*. Imprensa Oficial, 2a. ed., VIII + 540 pp., Fortaleza.

* CAMARA, J. A. – 1967 – Th. Pompeu Sobrinho. *O Povo*, ed. 11 – 12/11/67, Fortaleza.

CAMPOS, E. – 1980 – Um homem sério. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (41): 66 – 67.

CAMPOS, E. – (1985) 2000 – A ação do DNOCS (na dimensão do passado). In: *O Parceiro Só*, pp. 9 – 92. UFC – Casa de José de Alencar, 290 pp., Fortaleza.

FURTADO, A. – 1956 – Jubileu Literário. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *70*: 152 – 156.

GIRÃO, R. (org.) – 1957 – *Antologia Cearense (1ª série)*. Academia Cearense de Letras, XXIX + 439 pp., ilus., Fortaleza. Nota sobre Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho: pp. 424 – 427.

GIRÃO, R. – 1959 – Plebeius in Curia. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (28): 163 – 178.

GIRÃO, R. – 1975*a* – Os Pompeu, Família Ilustre. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (36): 51 – 73.

GIRÃO, R. – 1975*b* – *A Academia de 1894*. Academia Cearense de Letras, 263 pp., [XI] ests., Fortaleza. Nota sobre Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho: pp. 86 – 87.

GIRÃO, R. – 1980*a* – O sábio do Ceará. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (41): 59 - 63.

GIRÃO, R. – 1980*b* – Adeus ao Mestre. *Rev. Acad. Cear. Letr.*, Fortaleza, (41): 73 – 75.

GIRÃO, R. & SOUSA, M. C. – 1987 – *Dicionário da Literatura Cearense.* Imprensa Oficial do Ceará, 233 pp., Fortaleza. Nota sobre Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho: p. 187.

GIRÃO, V. C. - 1998 - Biografia do Patrono. *Academica,* Fortaleza, (1): 154 - 158.

GONZALEZ, H. – 1970 – Os mortos do Instituto do Ceará (Pompeu Sobrinho e Dolor Barreira). *Rev. Inst. Ceará,* Fortaleza, 88: 172 – 174.

LEÃO, [J.] S. – 1965 – Dr. Tomaz Pompeu Sobrinho. *O Povo,* ed. 15 - 16/11/65, Fortaleza.

* MACEDO, N. – 1965 – Thomaz Pompeu: o homem que redescobriu o Ceará. *O Povo,* ed. 14/10/65, [1] fig., Fortaleza.

* MARTINS FILHO, A. – 1994 – *Memórias – maioridade (tomo II).* UFC – Imprensa Universitária, 500 pp., [15] figs., [XV] ests., Fortaleza.

* MENEZES, R. S. – (1959) 1985 – Contribuição à bibliografia das secas no Brasil. *In:* ROSADO, V.-U. (seleção e organização) – *6º Livro das Secas,* pp. 291 – 337. Fundação Guimarães Duque / Coleção Mossoroense, vol. CXCIII, 348 pp., Mossoró.

NASCIMENTO, F. S. – 1980 – Thomaz Pompeu Sobrinho, o humanista. *Rev. Acad. Cear. Letr.,* Fortaleza, (41): 68 – 70.

OLIVEIRA, G. A. – 1987 – Jubileu do Instituto do Ceará, no transcurso do primeiro centenário de sua fundação. *Rev. Inst. Ceará,* Fortaleza, *TE 8*: 443 – 486.

OLIVEIRA, J. H. C. – 1977 – Os presidentes do Instituto do Ceará (III). *Rev. Inst. Ceará,* Fortaleza, *TE 6*: 57 – 59.

PAIVA, M. A. P. – 1979 – *A Elite Política do Ceará Provincial.* Edições Tempo Brasileiro Ltda., XVI + 219 pp., 4 figs., Rio de Janeiro.

* PAIVA, M. P. – 1995 – Fauna do Nordeste do Brasil: I – Conhecimento científico. In: PAIVA, M. P. & CAMPOS, E. – *Fauna do nordeste do Brasil: conhecimento científico e popular,* pp. 7 – 194, 4 figs., Banco do Nordeste do Brasil S. A., 273 pp., ilus., Fortaleza.

* PAIVA, M. P. – 1998 – Os naturalistas e o Ceará: IV – Thomaz Pompeo de Sousa Brasil (1818 – 1877). *Rev. Inst. Ceará,* Fortaleza, *112*: 9 – 26.

* PAIVA, M. P. – 1999 – *Conservação da fauna brasileira.* Editora Interciência Ltda., [XII] + 226 pp., 2 + [36] figs., Rio de Janeiro.

* POMPEU SOBRINHO, Th. – 1952*a* – Estado do Ceará: Secretaria da Agricultura e Obras Públicas. Prêambulo ao Relatório das atividades

relativas ao ano de 1947. *Bol. Sec Agric Obr Públ*, Fortaleza, (3) 3 – 25, [3] ests.
* POMPEU SOBRINHO, Th. – 1952*b* – Estado do Ceará Secretaria da Agricultura e Obras Públicas. Prêambulo ao Relatório das atividades relativas ao ano de 1948. *Bol Sec Agric Obr Públ*, Fortaleza, (3) 25 - 34
* POMPEU SOBRINHO, Th – 1952*c* – Estado do Ceará: Secretaria da Agricultura e Obras Públicas Prêambulo ao Relatório das atividades relativas ao ano de 1949. *Bol. Sec Agric Obr. Públ.*, Fortaleza, (3). 34 - 46
* POMPEU SOBRINHO, Th. – 1952*d* – Estado do Ceará: Secretaria da Agricultura e Obras Públicas Prêambulo ao Relatório das atividades relativas ao ano de 1950 *Bol Sec Agric Obr Públ.*, Fortaleza, (3) 47 - 63
POMPEU SOBRINHO, Th – 1980 – Agradecimento [Oração de agradecimento das homenagens que lhe foram prestadas no transcurso de seus 85 anos de idade (novembro / 1965)] *Rev. Acad Cear Letr*, Fortaleza, (41) 71 – 72.
* QUELLE, O – 1933 – Contribuição para a bibliografia da literatura das "Sêccas" *Rev Inst Ceará*, Fortaleza, *XLVII* 226 – 236. Com adendo coligido por Thomaz Pompeu Sobrinho pp. 233 – 236.
RIEDEL, O. O. – 1980 – Pompeu Sobrinho e o álcool da mandioca *Rev Inst Ceará*, Fortaleza, *100*. 11 –14.
* SOUSA, E. – 1937 – *Meio Século de Existência (Subsídio para a História do Instituto do Ceará) – 1887 – 1937*. Tipografia Minerva – Assis Bezerra, 394 pp., ilus., Fortaleza. Nota sobre Thomás Pompeu de Souza Brasil Sobrinho pp 161 – 166.
SOUSA, J. B. – 1960 – *Quixadá· de fazenda a cidade (1755 – 1955)*. Conselho Nacional de Estatística, 172 pp., [17] figs., 1 mapa em página não numerada, Rio de Janeiro
* SOUZA, M. C. – 1980 – Bibliografia de Thomaz Pompeu Sobrinho *Rev Inst Ceará*, Fortaleza, *100*· 249 – 264
STUDART, G. (Barão) – 1915 – *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. Volume terceiro. Typ Minerva, 290 pp., Fortaleza Nota sobre Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho p 290.
STUDART, P – 1980 – Repercussão do centenário [de Thomaz Pompeu Sobrinho] na Câmara Federal *Rev Acad Cear Letr.*, Fortaleza, (41)· 76 - 80
SUCUPIRA, L. – 1980 – Pompeu Sobrinho *Rev Acad Cear. Letr.*, Fortaleza, (41)· 11 – 16.
VALDEZ, A - 1957 – O sábio Pompeu Sobrinho através de uma interpretação. *Rev Inst Ceará*, Fortaleza, *LXXI* · 56 – 57